VILA BELMIRO, MUITAS HISTÓRIAS A CONTAR-SUAS MEMÓRIAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS

Marisa Rodrigues Pinho[1]
Nelson Santos Dias[2]

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo retratar o centenário Bairro da Vila Belmiro, através de suas memórias arquitetônicas e urbanísticas e demonstrar que através do traçado da forma urbana, bem como as intervenções arquitetônicas no espaço, são capazes de criar melhores condições de vida independente de outros fatores. As alterações no espaço de convívio e nas tipologias de moradias trouxeram mudanças à antiga Vila Operária, não tão somente os conceitos "higiênicos" de habitar na virada do século XIX para o XX, mas o conceito artístico da Belle Époque e a filosofia de vida de "morar à francesa", tão difundido pelo arquiteto-higienista vienense Camillo Sitte e sua influência no engenheiro-sanitarista brasileiro, Francisco Saturnino Rodrigues de Brito, que assumiu um plano de Saneamento em Santos, litoral do Estado de São Paulo. Contudo, verifica-se um diferente traçado na malha urbana e viária, mudanças de moradias de chalés, para casas assobradadas e geminadas, ruas, praças e vielas fazendo da antiga Vila Operária da Vila Belmiro e suas inúmeras chácaras um lugar bucólico, de paz, harmonia dentro e entre as classes sociais, com grande potencial de educação para o Patrimônio e sua Preservação da Memória.

PALAVRAS-CHAVE: memórias arquitetônicas e urbanísticas; condições de vida; vilas operárias.

VILA BELMIRO, MANY STORIES TO TELL YOUR MEMORIES-architectural and urban

Marisa Rodrigues Pinho
Nelson Santos Dias

ABSTRACT

This article aims to portray the Centennial neighborhood of Vila Belmiro, through its architectural and urban memories and demonstrate that by tracing the urban form, as well as architectural interventions in space, are able to create better living conditions independent of other factors. Changes in the living space and the types of dwellings brought changes to the old Workers' Village, so not only the concepts "hygienic" dwell in the turn of the nineteenth to the twentieth century, but the concept art of the Belle Époque and the philosophy of life "moved to the French, "so widespread by hygienist Viennese architect Camillo Sitte and his influence on Brazilian sanitation engineer,

Marisa Rodrigues Pinho é professora de Ensino fundamental I, na Rede Municipal de Ensino de Santos, há 25 anos; Desenhista Industrial (área de Projeto do Produto), exercendo a função de designer de interiores e de mobiliário e Arquiteta e Urbanista, atuando em projetos e construções, com exposição de trabalho na III Bienal Internacional de Arquitetura em 2000. (ARG); possui experiências em técnicas construtivas com bambu e materiais sustentáveis no Brasil e exterior. Contato: (arqmarisapinho@ gmail. com)

Professor responsável pela disciplina: Patrimônio Histórico e Cultura Local: Baixada Santista do curso de pós-graduação: Patrimônio Cultural, Memória e Preservação da UNISANTA.

Francisco Rodrigues Saturnino de Brito, who took a plan Sanitation in Santos, coast of the state of São Paulo. However, there is a different path in the urban and road, changes villas cottages, homes for assobradadas and terraced streets, squares and alleys of the old village doing the Worker Belmiro and its numerous farms somewhere bucolic peace, harmony within and between social classes, with great potential for heritage education and preservation of their memory.

KEYWORDS: memories architectural and urban; living conditions, working villages.

INTRODUÇÃO

Habitar, morar, residir, abrigar, viver, existir, são algumas das muitas definições que damos as necessidades que o homem traz consigo desde os primórdios de sua existência e coexistência no ambiente em que vive.

Ao estudar Arquitetura e Urbanismo, aprende-se que o homem deve ser integrado ao ambiente em que vive (ambiente X homem), havendo uma correlação harmoniosa de respeito à natureza, e dela aproveitando sistematicamente todos os seus benefícios para uma melhor qualidade de vida.

A arquitetura pode mudar o homem e sua relação com o meio. No princípio sem os conhecimentos construtivos, devido ao limitado parâmetro intelectual, o homem adaptava-se a forma que a natureza oferecia. Aos poucos, passou a utilizar materiais da natureza (pedras, galhos, palha, barro, etc.), na construção da habitação e criar espaços que facilitassem as ações e o convívio com outros seres humanos.

Estudos no decorrer dos anos, o aumento da população e as adaptações do meio, foram inseridos uma inter-relação nas moradias na urbe. O traçado da malha urbana e viária observados em planos urbanísticos pelo engenheiro-urbanista espanhol Ildefons Cerdà, torna limitador e facilitador os acessos de transportes, as relações sociais, suas divisões ações profissionais, o saneamento e integração da comunidade.

A análise é feita na reformulação dos critérios de morar e os acontecimentos nas cidades (aumento da população, saneamento, transporte, segurança, inter-relação de serviços e outros), assim como acontecera na passagem do século XIX para o XX, proporcionadas pelos movimentos imigratórios, à economia do café, a despedida dos padrões coloniais, com uma nova filosofia de vida, advindos com o pensar político da República.

O surgimento das moradias brasileiras com das influências europeias, sobretudo portuguesas e francesas, com características africanas e índias.

Nesta ocupação do espaço, a conquista se deu pelas necessidades sociais e culturais, formando um viver especificamente brasileiro que não se copia mas, ao contrário, cria o novo e o belo.

Dizem os poetas que as velhas casas vivem em nós, fazendo parte do sonho, do imaginário e são reconstruídas na memória. A casa brasileira, do ponto de vista

Marisa Rodrigues Pinho é professora de Ensino fundamental I, na Rede Municipal de Ensino de Santos, há 25 anos; Desenhista Industrial (área de Projeto do Produto), exercendo a função de designer de interiores e de mobiliário e Arquiteta e Urbanista, atuando em projetos e construções, com exposição de trabalho na III Bienal Internacional de Arquitetura em 2000. (ARG); possui experiências em técnicas construtivas com bambu e materiais sustentáveis no Brasil e exterior. Contato: (arqmarisapinho@ gmail. com)

Professor responsável pela disciplina: Patrimônio Histórico e Cultura Local: Baixada Santista do curso de pós-graduação: Patrimônio Cultural, Memória e Preservação da UNISANTA.

arquitetônico, nada seria sem aqueles que a ocuparam ao longo do tempo com suas necessidades, seus desejos, suas alegrias e tristezas.

Observamos também no modo de viver em vilas, compartindo e somando, como um ideal de morar e conviver humano harmonioso, voltados a uma política habitacional brasileira, reduzindo custos, aluguel e minorando conflitos das superpopulações, as condições insalubres das moradias, evitando as epidemias que polemizaram a época.

Contudo, há a luta pela preservação e memória dessas moradias, que resultaram em uma política econômica habitacional para o povo brasileiro: um lugar para morar e o sonho da casa própria.

1. A origem do bairro da Vila Belmiro

O bairro está localizado no quadrante que abrangem a Avenida Ana Costa, Rua Joaquim Távora, Avenida Senador Pinheiro Machado e Rua Dr. Carvalho de Mendonça.

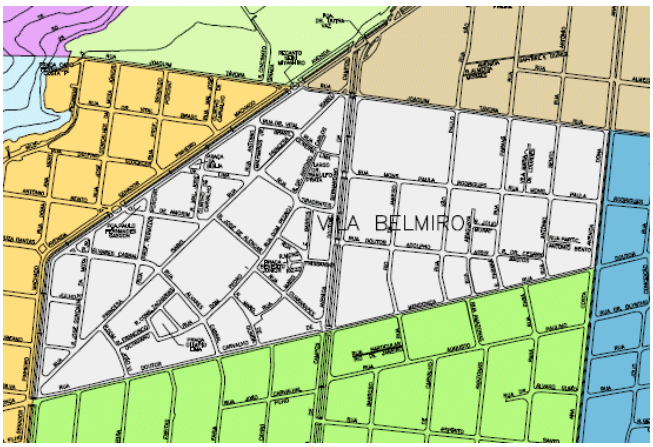


Foto 01. Fonte: http://www.novomilenio.inf.br/santos/bairro64.htm

Teve início em 14 de fevereiro de 1910, com o Prefeito de Santos, *Belmiro Ribeiro de Morais e Silva*, que urbanizou e executou diversas melhorias em uma grande gleba de terras, como: loteamentos, arruamentos, arborização e as obras de saneamento, bem como a melhoria dos transportes coletivos, os bondes**.**

Belmiro Morais foi um influente empresário na cidade, proprietário das empresas: Companhia Central de Armazéns Gerais e da Companhia Construtora de Santos, junto com o engenheiro santista Roberto Simonsen.

Exerceu os cargos de vereador e prefeito, por dois mandatos: 1910 a 1914 e 1920 a 1924. Uma de suas principais propriedades eram glebas na então Vila Operária. Com o crescimento populacional, na virada do século XIX para o XX, a Vila Operária foi um bairro habitado exclusivamente por trabalhadores.

Esses trabalhadores eram funcionários de fábricas e empresas nos Bairros da Vila Mathias e Jabaquara, integrados à Companhia de Construtora de Santos, onde

Marisa Rodrigues Pinho é professora de Ensino fundamental I, na Rede Municipal de Ensino de Santos, há 25 anos; Desenhista Industrial (área de Projeto do Produto), exercendo a função de designer de interiores e de mobiliário e Arquiteta e Urbanista, atuando em projetos e construções, com exposição de trabalho na III Bienal Internacional de Arquitetura em 2000. (ARG); possui experiências em técnicas construtivas com bambu e materiais sustentáveis no Brasil e exterior. Contato: (arqmarisapinho@ gmail. com)
Professor responsável pela disciplina: Patrimônio Histórico e Cultura Local: Baixada Santista do curso de pós-graduação: Patrimônio Cultural, Memória e Preservação da UNISANTA.

seus principais acionistas eram o engenheiro Roberto Simonsen e o próprio Belmiro R. de M. e Silva.

Nos anos de 1920, por iniciativa dos vereadores de Santos, o bairro passou a ter o nome de seu antigo patrono e, de Vila Operária, passou a se chamar Vila Belmiro, como hoje em dia é conhecido.

Situado à praça de esportes, o *Santos Futebol Clube* (Estádio Urbano Caldeira), através de seus títulos internacionais e do jogador de futebol Pelé, tornou-se um bairro afamado, ganhando o nome de "Vila Famosa".

Após seis anos da fundação do Bairro, a sede do Santos Futebol Clube foi transferida para o local atual. Anteriormente os jogos eram realizados no terreno onde foi erguida a Igreja Coração de Maria (Av. Ana Costa) que era emprestado por seu proprietário.

As ruas ao redor eram de terra e as paredes do estádio eram de madeira.

Os imigrantes japoneses andavam pelo lugar com balaios de verduras na cabeça. O local é ainda hoje ocupado por pontos de feira-livre que acontece as quintas-feiras.

Os transportes de carroças foram sendo trocados pelas duas linhas de bonde 17 e 27 que davam acesso ao Bairro, privilegiando o largo próximo ao estádio de futebol. Surgiram assim, após o saneamento e a desapropriação de alguns lotes para a realização das mudanças, os traçados da malha urbana com sinuosidades, tão comum nas cidades europeias na época.



Foto. 02 – Os bondes e os trilhos no Canal 2 – Década de 1940 (autor desconhecido)

No bairro também se situava a "Fidalga" Associação Atlética Americana (antigo Theodore Willie Esporte Clube). O campo ficava localizado próximo ao Estádio Urbano Caldeira.

Marisa Rodrigues Pinho é professora de Ensino fundamental I, na Rede Municipal de Ensino de Santos, há 25 anos; Desenhista Industrial (área de Projeto do Produto), exercendo a função de designer de interiores e de mobiliário e Arquiteta e Urbanista, atuando em projetos e construções, com exposição de trabalho na III Bienal Internacional de Arquitetura em 2000. (ARG); possui experiências em técnicas construtivas com bambu e materiais sustentáveis no Brasil e exterior. Contato: (arqmarisapinho@ gmail. com)

Professor responsável pela disciplina: Patrimônio Histórico e Cultura Local: Baixada Santista do curso de pós-graduação: Patrimônio Cultural, Memória e Preservação da UNISANTA.

Com a necessidade de construções de escolas, a Associação Atlética Americana, foi transferida, em 1950, para a Rua Azevedo Sodré e Rua Jorge Tibiriçá. O lugar hoje é ocupado por duas escolas estaduais: Professor Primo Ferreira e Azevedo Júnior e a escola municipal, Emília Maria Reis.

1.1 Um bairro pitoresco com modo de vida afrancesado

A legislação republicana promulgada em 1890 interferiu drasticamente no planejamento de novas residências e no uso, ou habitabilidade, das velhas construções do Império.

O estudo abrange 30 anos de ação dos códigos inspirados em conceitos de higiene e conforto ambiental.

Com a Proclamação da República, Santos sancionou um Novo Código de Posturas de caráter higienistas, promovendo condições sanitárias.

Contudo, as normas edílicas tratavam de um uso de alinhamento das ruas, edificações de asseio, com especial preocupação em romper a ordem colonial, implantando a concepção moderna europeia.

No final do século XIX, as moradias populares conferiam padrões de insalubridade. A Legislação transformou cortiços em "casas higiênicas". Procurava-se dar alternativas aos trabalhadores na construção de Vilas Operárias, porém sem muito sucesso, pois os chalés eram a moradia popular da época na primeira metade do século XX.

Para dar mudança às moradias e criar uma acessibilidade e economia na construção foram criadas as casas geminadas, com pés-direitos reduzidos, suprimindo a arquitetura colonial, para a Eclética: "Morar à Francesa".

Com a inserção de bondes e o próprio saneamento, as ruas ganharam contornos diferentes às linhas ortogonais na cidade.

Largas avenidas, áreas ajardinadas, parques e equipamentos sociais e de lazer, foram previstos. As propostas não se limitavam aos antigos desenhos, mas também a legislação urbanística aferida aos proprietários, em casos de desapropriação de terrenos em prol das mudanças na malha viária

Assim, o plano de Saturnino de Brito cria uma nova paisagem, promovendo novas formas de sociabilidade que buscavam dar um caráter "***civilizado***" a vida do antigo porto colonial.

A regularidade ou não do traçado viário era definida em função das exigências do terreno e escoamento das águas. Tal critério coincidia, ao menos em parte, com o da tradição do traçado pitoresco, como aqueles preconizados pelo arquiteto vienense Camillo Sitte, autor de "***A Construção das Cidades – Segundo seus princípios artísticos***" e que influencia Brito, em 1905.

Assim o Bairro da Vila Belmiro garantiu em suas características, as dezenas de vielas, vilas e becos e que lhe garantem um ambiente que não se encontra em qualquer outro lugar de Santos.

Marisa Rodrigues Pinho é professora de Ensino fundamental I, na Rede Municipal de Ensino de Santos, há 25 anos; Desenhista Industrial (área de Projeto do Produto), exercendo a função de designer de interiores e de mobiliário e Arquiteta e Urbanista, atuando em projetos e construções, com exposição de trabalho na III Bienal Internacional de Arquitetura em 2000. (ARG); possui experiências em técnicas construtivas com bambu e materiais sustentáveis no Brasil e exterior. Contato: (arqmarisapinho@ gmail. com)

Professor responsável pela disciplina: Patrimônio Histórico e Cultura Local: Baixada Santista do curso de pós-graduação: Patrimônio Cultural, Memória e Preservação da UNISANTA.

Além dele se encontrarem diversas casas, os sobradinhos geminados e de estilo eclético (neoclássico); ***as verdadeiras casas brasileiras***, com suas varandas, quintais e sua ocupação nas ruas arborizadas, trazendo o ambiente hospitaleiro das conversas dos vizinhos sentados em cadeiras nas calçadas.

1.2 Sobrados geminados, nesse bairro de becos e muitas vielas

É através das dezenas de ruas, que constatamos a rotina típica de pequenas cidades.

O lugar era conhecido no passado por seus sobradinhos, pelos bondes 17 e 27, os campos da várzea - onde meu pai ia brincar na infância e apanhar rãs - e as chácaras dos japoneses - que passavam com balaios cheios de verduras, vendendo para os moradores e para quem por lá passasse.

Os carros velozes estão sós nas ruas e grandes avenidas. Ao sairmos delas, podemos descobrir o sossego dos quintais e as praças. As crianças podem brincar tranquilamente nas ruas e os mais velhos sentam-se diante de suas portas em cadeiras na calçada, com um bate-papo descontraído.

Algo interessante é saber que estatiscamente, 70% dos moradores da Vila Belmiro vivem em casas geminadas, espalhadas por praticamente todas as ruas, em maior e menor quantidade.

Os tipos são os mais variados e vão desde sobradinhos enfileirados nas calçadas, sem os tradicionais jardins na frente, até moradias bem pitorescas, com pequenas sacadas no 1°andar. Há construções mais simples, outras com janelas e portas em forma de arco, mil frisos, flores e detalhes sem gesso***. (Estilo Eclético)***

Na confluência das ruas Mariz e Barros e Marquês de Olinda, forma um tipo de largo, bem espaçoso, onde crianças podem brincar à vontade. A Praça Benedito Júnior, por sua vez, não tem característica de praça. Fica escondida no fim da Vila Monsenhor Rizzo e abriga sobrados geminados.

Na Vila Maria de Lourdes, há árvores e folhagens nos bem cuidados jardins que emolduram as fachadas das casas, enquanto o Beco Particular Antônio Bento e Araguaia parece parado no tempo, pelo sossego apresentado.

Não há lugar em Santos que se assemelhe ao Largo Ranulfo Prata. Trata-se de uma praça, cortada ao meio pela Rua Antônio Carlos, que é bem estreita. As casas, quatro de cada lado, ficam recuadas, de modo que a praça passa a ser uma extensão dos quintais. O morador sai de casa e não está imediatamente na rua ou na calçada, mas na praça cheia de árvores e passarinhos.

Se anos atrás os chalés davam lugar a prédios de no máximo três pavimentos, hoje a realidade é outra. Basta citar o edifício Ouro Verde, na Avenida Bernardino de Campos que surgiu com os escombros do tradicional ***Cine Avenida***.

Na Rua Antônio Bento há quatro prédios de cinco pavimentos, um ao lado do outro.

Marisa Rodrigues Pinho é professora de Ensino fundamental I, na Rede Municipal de Ensino de Santos, há 25 anos; Desenhista Industrial (área de Projeto do Produto), exercendo a função de designer de interiores e de mobiliário e Arquiteta e Urbanista, atuando em projetos e construções, com exposição de trabalho na III Bienal Internacional de Arquitetura em 2000. (ARG); possui experiências em técnicas construtivas com bambu e materiais sustentáveis no Brasil e exterior. Contato: (arqmarisapinho@ gmail. com)

Professor responsável pela disciplina: Patrimônio Histórico e Cultura Local: Baixada Santista do curso de pós-graduação: Patrimônio Cultural, Memória e Preservação da UNISANTA.

Possui dois hospitais: Santo Antônio (da Sociedade Portuguesa de Beneficência), imponente e bonito, inaugurado festivamente a 1° de dezembro de 1926 e o São Lucas, sempre em ritmo de crescimento.

Isso sem falar das escolas, as duas estaduais Primo Ferreira e Azevedo Júnior, que abrigam mais de 10 mil alunos nos diferentes períodos. Já na U.M. E Emília Maria Reis atende quase 900 crianças em seus dois períodos.

2. A INFLUÊNCIA URBANÍSTICA EUROPEIA DE CAMILLO SITTE

O livro de Camillo Sitte, lido por Saturnino de Brito, "***A Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos***", foi uma publicação para planificadores que tratavam a cidade como uma obra de arte, que deveria atender, espaço com diversidade de lugares, visto como uma somatória de fragmentos e não como local que deveria atender somente às necessidades técnicas.

Para Sitte, a praça é o elemento mais importante da cidade, como local dos acontecimentos públicos. Ele critica a função atual da ***praça***, como espaços de circulação de ar e luz, uma interrupção nos blocos de moradias ou como espaço para uma visão mais ampla de um edifício monumental.

Outro aspecto que faz parte dos conceitos utilizados por Sitte é a noção de ***pitoresco***; sua definição vem de uma categoria estética do final do século XVIII, refere-se a "*paisagem natural e representada distinto do sublime*", valoriza a ***assimetria, a irregularidade, a espontaneidade e a perspectiva***; característico do estilo romantismo, da época.

Acredita–se que o teórico estudado é um homem que vive em um período característico do mundo moderno, preocupado com as questões e problemas que acometem este momento.

Todo seu pensamento é resultado de reflexões para solucionar problemas dos modos de vida do período industrial. Tais como os elementos usados como a ***água e o verde*** fazem parte do movimento sanitarista higienista e a adequação da cidade industrial.

Ao tratar da cidade como local de estar baseia-se na teoria **Aristotélica**, em que "***a cidade deve ser construída para tornar o homem seguro e feliz***", e para que a satisfação humana seja suprida, deve utilizar os princípios da técnica e da estética da construção urbana.

> O trabalho apresenta "[...] a análise, sob um aspecto puramente técnico-artístico, de cidades antigas e de cidades modernas, com o intuito de por a descoberta os motivos de sua composição – das primeiras, com base na harmonia e no efeito sedutor sobre os sentidos. Das segundas, na confusão e na monotonia – enquanto a análise do todo servirá à busca de uma saída para nos libertar do sistema moderno de blocos de edifícios e, à medida do possível, para nos resgatar da tendência ao aniquilamento das belas cidades antigas, ao mesmo tempo permitindo o florescimento de uma produção equivalente à dos mestres antigos." (SITTE, 1992 p. 15)

Marisa Rodrigues Pinho é professora de Ensino fundamental I, na Rede Municipal de Ensino de Santos, há 25 anos; Desenhista Industrial (área de Projeto do Produto), exercendo a função de designer de interiores e de mobiliário e Arquiteta e Urbanista, atuando em projetos e construções, com exposição de trabalho na III Bienal Internacional de Arquitetura em 2000. (ARG); possui experiências em técnicas construtivas com bambu e materiais sustentáveis no Brasil e exterior. Contato: (arqmarisapinho@ gmail. com)

Professor responsável pela disciplina: Patrimônio Histórico e Cultura Local: Baixada Santista do curso de pós-graduação: Patrimônio Cultural, Memória e Preservação da UNISANTA.

O *centro livre, as bordas das praças, o verde e as ruas* dentro do plano urbanístico, possuem um caráter de liberdade e que valorizam o entorno, tornando a cidade mais humana e o olhar humano contemplativo dessa paisagem.“As linhas de tráfego e a liberação do plano de visão, que garante um efeito artístico favorável” (SITTE, 1992 p.38)

2.1 As primeiras casas originalmente brasileiras surgem com a República

A legislação republicana brasileira, promulgada a partir de 1890, interferiu drasticamente no planejamento das residências e no uso, ou habitabilidade, das velhas construções do Império. Nela se insere novos conceitos de higiene e conforto ambiental.

Podemos observar a reformulação dos critérios do ato de morar, e podemos dizer que houve um processo civilizador proporcionado pelo dinheiro do café. Foi o tempo do ***Ecletismo***.

Em arquitetura, o ecleticismo é a mistura de estilos arquitetônicos do passado para a criação de uma nova linguagem arquitetônica. Apesar sempre haver existido alguma mistura de estilos durante a história da arquitetura, o termo “***arquitetura eclética”*** é usado em referência aos estilos surgidos durante o século XIX que exibiam combinações de elementos que podiam vir da arquitetura clássica, medieval, renascentista, barroca e ou neoclássica.

Assim, o ecletismo se desenvolveu ao mesmo tempo e em íntima relação com a chamada arquitetura historicista que buscava reviver a arquitetura antiga e gerou os estilos "***neos***" (neogótico, neo-românico, neo-renascença,neobarroco, neoclássico etc). Do ponto de vista técnico, a arquitetura eclética também se aproveitou dos novos avanços da engenharia do século XIX, como a que possibilitou construções com estruturas de ferro forjado.



Frontões

Marisa Rodrigues Pinho é professora de Ensino fundamental I, na Rede Municipal de Ensino de Santos, há 25 anos; Desenhista Industrial (área de Projeto do Produto), exercendo a função de designer de interiores e de mobiliário e Arquiteta e Urbanista, atuando em projetos e construções, com exposição de trabalho na III Bienal Internacional de Arquitetura em 2000. (ARG); possui experiências em técnicas construtivas com bambu e materiais sustentáveis no Brasil e exterior. Contato: (arqmarisapinho@ gmail. com)

Professor responsável pela disciplina: Patrimônio Histórico e Cultura Local: Baixada Santista do curso de pós-graduação: Patrimônio Cultural, Memória e Preservação da UNISANTA.



Figura 1 – Vila operária da Fábrica São Bento, em Jundiaí (SP). Fotografia de Philip Gunn, 2002.

Foto 03. Fonte: Philip Gunn, 2002

Com cunhal e pilastra rusticados, entablamento e platibanda. Nela, a linguagem eclética se insinua na forma da cercadura das janelas e nos motivos inspirados em conchas introduzidos sobre a platibanda

A questão da insolação mínima dos ambientes residenciais é uma das preocupações funcionais das moradias, que abandonam a tradição colonial e adotam o novo "morar à francesa" que leva à arquitetura moderna.

Durante todo o tempo de sujeição a Portugal e mesmo na época do Império, a legislação voltada ao controle das edificações urbanas jamais interferiu nas condições do planejamento interno das residências. Nele havia a observância do respeito às decisões pessoais e o direito de propriedade – cada um morasse como quisesse ou pudesse.

No entanto, havia um controle estético pelas Câmaras, fiscalizando os alinhamentos em continuidade das edificações, os "***cordeamentos***", como se chamavam a garantia das ruas retas ou regulares, harmonizando as fachadas, o ritmo das envasaduras, alturas iguais para cimalhas e cornijas e a continuidade entre as cumeeiras das casas geminadas.

Assim, os governos não interferiam na organização interna das residências, cujas plantas, no entanto, eram extremamente semelhantes entre si, como se houvesse um acordo tácito entre os moradores. Todos tinham igualdade na habitação dessa maneira, fossem ricos ou pobres. Só variava a quantidade de cômodos.

O ar e a luz entravam somente pela frente e por trás das moradias.

Marisa Rodrigues Pinho é professora de Ensino fundamental I, na Rede Municipal de Ensino de Santos, há 25 anos; Desenhista Industrial (área de Projeto do Produto), exercendo a função de designer de interiores e de mobiliário e Arquiteta e Urbanista, atuando em projetos e construções, com exposição de trabalho na III Bienal Internacional de Arquitetura em 2000. (ARG); possui experiências em técnicas construtivas com bambu e materiais sustentáveis no Brasil e exterior. Contato: (arqmarisapinho@ gmail. com)

Professor responsável pela disciplina: Patrimônio Histórico e Cultura Local: Baixada Santista do curso de pós-graduação: Patrimônio Cultural, Memória e Preservação da UNISANTA.

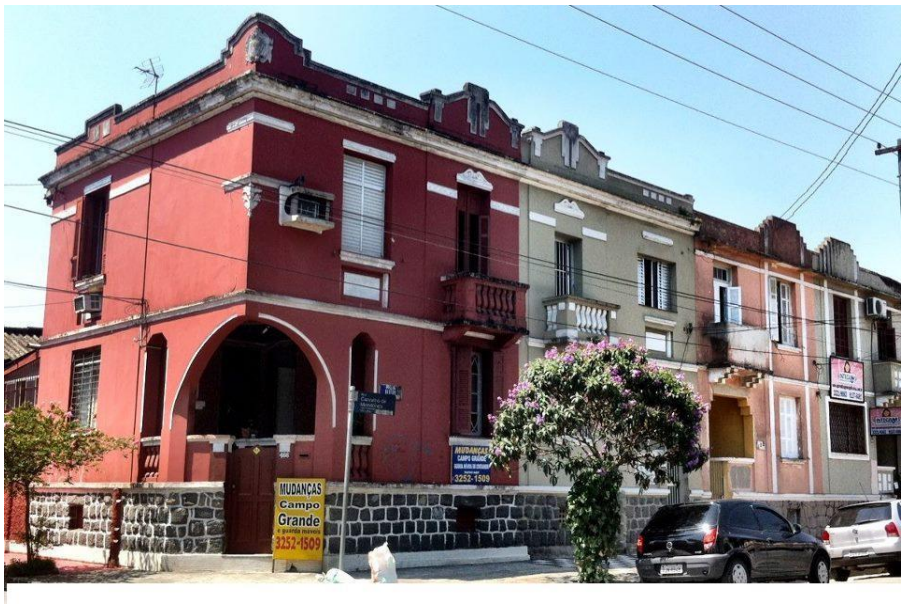


Foto 04- Fonte: Marisa Pinho (2012)

2.2 Vilas Operárias e seu contexto social



Foto 05- Fonte: Marisa Pinho (2012)

Vila de Paranapiacaba

Marisa Rodrigues Pinho é professora de Ensino fundamental I, na Rede Municipal de Ensino de Santos, há 25 anos; Desenhista Industrial (área de Projeto do Produto), exercendo a função de designer de interiores e de mobiliário e Arquiteta e Urbanista, atuando em projetos e construções, com exposição de trabalho na III Bienal Internacional de Arquitetura em 2000. (ARG); possui experiências em técnicas construtivas com bambu e materiais sustentáveis no Brasil e exterior. Contato: (arqmarisapinho@ gmail. com)

Professor responsável pela disciplina: Patrimônio Histórico e Cultura Local: Baixada Santista do curso de pós-graduação: Patrimônio Cultural, Memória e Preservação da UNISANTA.

No século XIX, naquele caminho íngreme utilizado pelos índios, desde os tempos pré-coloniais, seria construída uma estrada de ferro que mudaria a paisagem do interior paulista e ocasionaria a fundação da vila de Paranapiacaba.

O fator preponderante para a construção da Ferrovia Santos-Jundiaí foi à expansão do café, que chegou ao Rio de Janeiro no início do século XIX e logo se espalhou pelo vale do Rio Paraíba.

A vila de Paranapiacaba era inicialmente apenas um acampamento de operários. Depois da inauguração da ferrovia, em 1867, houve a necessidade de se fixar parte deles no local para cuidar da manutenção do sistema. Assim, construiu-se a Estação Alta da Serra, que também foi o primeiro nome dado ao lugarejo.

Em 1896, foi erguida a Vila Martim Smith, com casas em estilo inglês, de madeira e telhados em ardósia, para servir de moradia aos funcionários da empresa. Em 1900, o novo sistema de planos inclinados é inaugurado, recebendo o nome de Serra Nova.

Do outro lado da estrada de ferro, a Parte Alta de Paranapiacaba que não pertencia à companhia, seguia padrões arquitetônicos diversos daqueles da vila inglesa. A área começou a ser ocupada por comerciantes para atender os ferroviários já na década de 1860. Ali também moravam os funcionários aposentados, que não poderiam mais usar as casas cedidas pela empresa.

Em 1946, termina o período de concessão da São Paulo Railway Co. e todo seu patrimônio é incorporado ao da União. Este fato é apontado pelos antigos moradores como o início da decadência da vila. Com a desativação parcial do sistema funicular, na década de 70, mais um golpe: parte dos funcionários é dispensada ou aposentada e outros são contratados, para cuidar do novo sistema de transposição da serra - a cremalheira-aderência.

Nos anos 1980, depois de várias denúncias na imprensa sobre a deterioração da vila, é criado o Movimento Pró-Paranapiacaba. Em 1986, a Rede Ferroviária entregou restaurados o sistema funicular entre o 4° e o 5° patamares e o Castelinho. No ano seguinte, o núcleo urbano, os equipamentos ferroviários e a área natural de Paranapiacaba foram tombados pelo CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

Vila Maria Zélia

Marisa Rodrigues Pinho é professora de Ensino fundamental I, na Rede Municipal de Ensino de Santos, há 25 anos; Desenhista Industrial (área de Projeto do Produto), exercendo a função de designer de interiores e de mobiliário e Arquiteta e Urbanista, atuando em projetos e construções, com exposição de trabalho na III Bienal Internacional de Arquitetura em 2000. (ARG); possui experiências em técnicas construtivas com bambu e materiais sustentáveis no Brasil e exterior. Contato: (arqmarisapinho@ gmail. com)

Professor responsável pela disciplina: Patrimônio Histórico e Cultura Local: Baixada Santista do curso de pós-graduação: Patrimônio Cultural, Memória e Preservação da UNISANTA.


Foto 06- Fonte: Marisa Pinho (2012)

Em São Paulo, capital, o projeto de construção da vila, localizada nas proximidades da atual Av. Celso Garcia, teve início em 1912 e foi encomendado ao arquiteto francês Pedarrieux.

Desde a década de 90, a Vila Maria Zélia está tombada pelo Condephaat, e hoje a batalha dos moradores é pela revitalização dos ares em ruínas, pertencentes ao INSS. Eles querem transformar locais como o armazém, por exemplo, em oficinas culturais e de atividades para a turma da 3ª idade. Outra proposta em pauta é a mudança do nome das ruas, para homenagear pessoas e famílias.

Primeira Vila Operária da capital, fundada em 1917 pelo empresário Jorge Street no atual bairro do Belenzinho, na zona leste, a Maria Zélia é formada hoje por 180 casas, uma igreja, um centro de lazer e quatro prédios abandonados: dois colégios (Meninos e Meninas) e dois armazéns, além de duas outras construções menores também inutilizadas. A revitalização desses prédios é o mais forte desejo de ano novo dos moradores da Vila Maria Zélia.

O objetivo é transformar duas escolas e os dois antigos armazéns em espaços de exposições e mostras culturais, além de um centro de memória.

Vila Belmiro

Marisa Rodrigues Pinho é professora de Ensino fundamental I, na Rede Municipal de Ensino de Santos, há 25 anos; Desenhista Industrial (área de Projeto do Produto), exercendo a função de designer de interiores e de mobiliário e Arquiteta e Urbanista, atuando em projetos e construções, com exposição de trabalho na III Bienal Internacional de Arquitetura em 2000. (ARG); possui experiências em técnicas construtivas com bambu e materiais sustentáveis no Brasil e exterior. Contato: (arqmarisapinho@ gmail. com)

Professor responsável pela disciplina: Patrimônio Histórico e Cultura Local: Baixada Santista do curso de pós-graduação: Patrimônio Cultural, Memória e Preservação da UNISANTA.

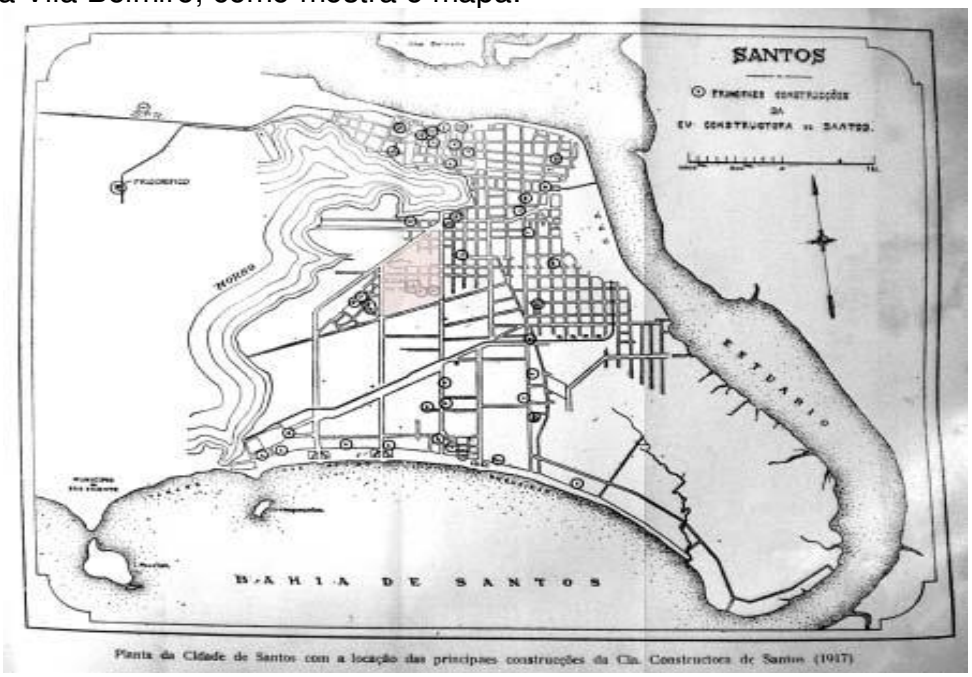




Fotos 07/08: "Primeira Casa Operária construída na Vila Operária" (Vila Belmiro) Fonte: Marisa Pinho(2012) e Jornal A Tribuna (02/01/1914)

O bairro inicia sua história como uma Vila Operária, onde seus moradores eram funcionários de empresas, integradas a Companhia Construtora de Santos (CCS), pertencente ao então prefeito de Santos, Belmiro Morais e ao engenheiro, Roberto Simonsen, situadas nos Bairros da Vila Mathias e Jabaquara.

O engenheiro Roberto Simonsen trabalhou na construção da Southern Brazilian Railway e passou para engenheiro-chefe da Comissão de Melhoramentos do Município de Santos. Após deixar a prefeitura, dedicou-se a sua empresa, a CCS, onde começa a realizar obras de saneamento pela Comissão de Saneamento na área, onde se localiza o Bairro da Vila Belmiro, como mostra o mapa:



Planta da Cidade de Santos com a locação das principaes construcções da Cia. Constructora de Santos (1917)

Planta das Principais construções da Companhia Construtora de Santos em 1917

Marisa Rodrigues Pinho é professora de Ensino fundamental I, na Rede Municipal de Ensino de Santos, há 25 anos; Desenhista Industrial (área de Projeto do Produto), exercendo a função de designer de interiores e de mobiliário e Arquiteta e Urbanista, atuando em projetos e construções, com exposição de trabalho na III Bienal Internacional de Arquitetura em 2000. (ARG); possui experiências em técnicas construtivas com bambu e materiais sustentáveis no Brasil e exterior. Contato: (arqmarisapinho@ gmail. com)

Professor responsável pela disciplina: Patrimônio Histórico e Cultura Local: Baixada Santista do curso de pós-graduação: Patrimônio Cultural, Memória e Preservação da UNISANTA.

Começa uma atividade pioneira, centralizando diversos serviços prestados pela CCS, desde construção, oficinas de mecânica, depósitos de materiais, mecanismos e ferramentas, seção de transportes e escritórios técnicos.

Os trabalhadores que moravam em casas insalubres e são privilegiados por um sistema de habitação coletiva, constituindo as células dos grandes quarteirões, com o preceito moderno de ***Town-planning***, como aos padrões europeus.

Juntamente com o médico-sanitarista Dr. Guilherme Álvaro, Roberto Simonsen e o prefeito Belmiro Morais, promoveram ações de combate a cortiços e torna o "Bairro Operário Modelo". A primeira casa é a mostrada nas ***fotos 07/08***, que inovava no sistema construtivo de concreto armado, fabricado pelas próprias empresas da CCS. As casas poderiam ser adquiridas pelos mutuários, que pagariam pequenas parcelas, o que fazia o retorno do capital gasto.

A iniciativa acabasse não deu os resultados esperados, pois a Prefeitura preferiu as casas de madeiras, mais baratas e acessíveis, optando pelas construções isoladas e não coletivas construídas pela Companhia Santista de Habitação Popular na Vila Belmiro. Embora houvesse incentivos de companhias particulares, associações e indivíduos, exigia-se das empresas a garantia de que as moradias fossem acessível ao poder aquisitivo médio do operariado.

Como diz (Blay, 1985, p.1) "*as vilas operárias tem suas raízes no passado, porém não acabaram como se supõe. Continuam a ser construídas e são hoje mais sofisticadas. O Bradesco fez a Cidade de Deus, a Volkswagen construiu sua vila nos arredores de Taubaté, [...] O B.N.H, retorna a idéia de vilas no projeto PROEMP, ou em propostas de* ***leasing****..."*

2.3 Educando para Preservar a Memória Patrimonial

> ***"****Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua produção e sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender." (Paulo Freire)*

Paulo Freire observou que a Educação Patrimonial seria fundamental em qualquer contexto e, por isso, seria um conceito antropológico da cultura.

Mas o que é Educação Patrimonial?

Trata-se de um **processo permanente e sistemático** de trabalho educacional **centrado no Patrimônio Cultural** como **fonte primária de conhecimento** e enriquecimento individual e coletivo.

A partir da **experiência** e do **contato direto** com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um **processo ativo de**

Marisa Rodrigues Pinho é professora de Ensino fundamental I, na Rede Municipal de Ensino de Santos, há 25 anos; Desenhista Industrial (área de Projeto do Produto), exercendo a função de designer de interiores e de mobiliário e Arquiteta e Urbanista, atuando em projetos e construções, com exposição de trabalho na III Bienal Internacional de Arquitetura em 2000. (ARG); possui experiências em técnicas construtivas com bambu e materiais sustentáveis no Brasil e exterior. Contato: (arqmarisapinho@ gmail. com)

Professor responsável pela disciplina: Patrimônio Histórico e Cultura Local: Baixada Santista do curso de pós-graduação: Patrimônio Cultural, Memória e Preservação da UNISANTA.

conhecimento, **apropriação e valorização** de sua **herança cultural**, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

O aprendizado dar-se-ia pelo **método investigatório** que é uma das primeiras capacitações que se pode estimular nos alunos, no processo educacional, desenvolvendo suas **habilidades** de **observação**, de **análise crítica**, de **comparação** e **dedução**, de **formulação de hipóteses** e de **solução de problemas** colocados pelos fatos e fenômenos observados.

A necessidade do passado: o uso do patrimônio cultural no processo educacional

O processo educativo, em qualquer área de ensino/aprendizagem, tem como objetivo incentivar os alunos a utilizarem suas capacidades intelectuais para a aquisição de conceitos e habilidades, assim como para o uso desses conceitos e habilidades na prática, em sua vida diária e no próprio processo educacional. A Educação Patrimonial consiste em **provocar situações de aprendizado** sobre o processo cultural e, a partir de suas manifestações, despertarem no aluno o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida, pessoais e coletivas.

O patrimônio histórico e o meio ambiente em que está inserido oferecem oportunidades de provocar nos alunos sentimentos de surpresa e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles. Nesse sentido podemos falar na "***necessidade do passado*** ", para compreendermos melhor o "presente" e projetarmos o "futuro". Podemos facilmente comparar os problemas e soluções, discutir as causas e origens dos problemas identificados e projetar as soluções ideais para o futuro, num exercício de consciência crítica e de cidadania.

A Memória

A memória é indispensável no processo de aprendizado, vivemos por ela.

Ela modifica o nível da percepção, lembramos o que nos interessa. O importante para nós fica marcado e registrado para sempre, assim como as boas e más experiências.

A metodologia da Educação Patrimonial tem um amplo campo de atuação e propõe não somente uma nova maneira de utilização dos bens materiais do passado e do presente, mas uma nova proposta a ser discutida entre os grupos das crianças e jovens, como um processo de aprendizado onde serão desempenhadas as funções de transmitir esse conhecimento, na família, nos grupos de amizade, na comunidade e futuramente, nas suas ações na sociedade.

O espírito crítico é o fator principal contra a alienação, é ele quem garante a formação de um adulto participativo e consciente do seu momento histórico.

Marisa Rodrigues Pinho é professora de Ensino fundamental I, na Rede Municipal de Ensino de Santos, há 25 anos; Desenhista Industrial (área de Projeto do Produto), exercendo a função de designer de interiores e de mobiliário e Arquiteta e Urbanista, atuando em projetos e construções, com exposição de trabalho na III Bienal Internacional de Arquitetura em 2000. (ARG); possui experiências em técnicas construtivas com bambu e materiais sustentáveis no Brasil e exterior. Contato: (arqmarisapinho@ gmail. com)

Professor responsável pela disciplina: Patrimônio Histórico e Cultura Local: Baixada Santista do curso de pós-graduação: Patrimônio Cultural, Memória e Preservação da UNISANTA.

Como educadora há 25 anos e atuando na área, levando os conceitos teóricos, históricos e, sobretudo, artísticos, observo o desenvolvimento no grupo de alunos de 7 a 12 anos, com um maior desenvolvimento do senso crítico, quando estimulados e preparados para a apreciação dos assuntos e temas sociais, através das Artes e sua apreciação estética.

Intervenções didático-pedagógicas auxiliam a criatividade humana a lidar com artefatos e com a própria cultura, tornando-se como um ato consciente acerca de si e do mundo, ou seja, dos saberes e fazeres explícitos e implícitos que compõe o mundo.

Dessa maneira, a educação patrimonial é importante, pois com a participação crítica, as práticas simbólicas do cotidiano, a cultura pode ser refletida, respeitada e preservada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada indivíduo é parte de um todo – da sociedade e do ambiente em que vive – e constrói, com os demais, a história dessa sociedade, legando às gerações futuras, por meio dos produtos e das intervenções no ambiente, registros capazes de propiciar a compreensão da história humana pelas gerações futuras. A destruição dos bens herdados das gerações passadas acarreta o rompimento da corrente do conhecimento, levando-os a repetir incessantemente as experiências vividas.

A importância da Preservação ganha ênfase com a consciência de diminuição de impacto no ambiente, provocado pela produção dos bens. A preservação e reuso de edifícios e objetos contribuem para a redução de energia e matéria-prima necessárias para a produção de novos.

A Educação Patrimonial tem um grande papel transformador que deverá ser continuamente trabalhado, sobretudo com as crianças, jovens e os adultos da comunidade e ou do entorno das áreas abrangidas.

De acordo com a nossa Constituição, artigo 216 § 1: "*A comunidade é a maior guardiã de seu patrimônio. A Constituição da República Federativa do Brasil determina em seu artigo 216, §1°" O Poder Público, com a colaboração da comunidade promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação e de outras formas de acautelamento e preservação."*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLAY, Eva Alterman. ***Eu não tenho onde morar – Vilas Operárias de São Paulo***- São Paulo: Nobel, 1985.

CHOAY, Françoise. ***A Alegoria do Patrimônio*** – São Paulo, UNESP, 2000.

DIAS, Nelson. ***Memória da arquitetura do Papel II, Santos***. Fundação Arquivo e Memória de Santos, 2010.

LANNA, Ana L. D. ***Uma cidade na transição, Santos***: 1870-1913. São Paulo- Santos, Ed. Hucitec, 1996.

LE GOFF, Jacques. ***História e Memória.*** Tradução Bernardo Leitão, et all. 2° Ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

LEMOS, Carlos A. C. **A República Ensina a Morar (melhor)**, São Paulo- Ed. Hucitec, 1999.

Marisa Rodrigues Pinho é professora de Ensino fundamental I, na Rede Municipal de Ensino de Santos, há 25 anos; Desenhista Industrial (área de Projeto do Produto), exercendo a função de designer de interiores e de mobiliário e Arquiteta e Urbanista, atuando em projetos e construções, com exposição de trabalho na III Bienal Internacional de Arquitetura em 2000. (ARG); possui experiências em técnicas construtivas com bambu e materiais sustentáveis no Brasil e exterior. Contato: (arqmarisapinho@ gmail. com)

Professor responsável pela disciplina: Patrimônio Histórico e Cultura Local: Baixada Santista do curso de pós-graduação: Patrimônio Cultural, Memória e Preservação da UNISANTA.

SANTOS, Francisco Martins dos. **Polianteia Santista**. Vol.2, Ed. Caudex. Ltda., São Vicente. SP
SALVADORI, Maria Ângela Borges. ***História, Ensino e Patrimônio***. Araraquara – S.P, Junqueira & Martin, 2008.
SIMONSEN, Roberto. O Trabalho Moderno. SP. Seção de Obras de "O Estado",1919.
VERÍSSIMO, Francisco Salvador/ **BITTAR**, William Seba Mallmann. ***500 anos da Casa no Brasil – As transformações da arquitetura e da Utilização do Espaço da Moradia***, Rio de Janeiro, Ediouro, 1999
Site:http. WWW. novomilenio.inf.br

---

[1]**Marisa Rodrigues Pinho** é professora de Ensino fundamental I, na Rede Municipal de Ensino de Santos, há 25 anos; Desenhista Industrial (área de Projeto do Produto), exercendo a função de designer de interiores e de mobiliário e Arquiteta e Urbanista, atuando em projetos e construções, com exposição de trabalho na III Bienal Internacional de Arquitetura em 2000. (ARG); possui experiências em técnicas construtivas com bambu e materiais sustentáveis no Brasil e exterior. **Contato**: (arqmarisapinho@ gmail. com)

[2] Professor responsável pela disciplina: Patrimônio Histórico e Cultura Local: Baixada Santista do curso de pós-graduação: Patrimônio Cultural, Memória e Preservação da UNISANTA.

Marisa Rodrigues Pinho é professora de Ensino fundamental I, na Rede Municipal de Ensino de Santos, há 25 anos; Desenhista Industrial (área de Projeto do Produto), exercendo a função de designer de interiores e de mobiliário e Arquiteta e Urbanista, atuando em projetos e construções, com exposição de trabalho na III Bienal Internacional de Arquitetura em 2000. (ARG); possui experiências em técnicas construtivas com bambu e materiais sustentáveis no Brasil e exterior. Contato: (arqmarisapinho@ gmail. com)
Professor responsável pela disciplina: Patrimônio Histórico e Cultura Local: Baixada Santista do curso de pós-graduação: Patrimônio Cultural, Memória e Preservação da UNISANTA.